

# **Concepção de infância: uma análise a partir da filosofia de Heráclito e Nietzsche**

**Silvia Cristina Fernandes Lima**

## **RESUMO**

Este trabalho tem o objetivo de refletir sobre a concepção de infância enquanto *devir-criança*, uma infância sem idade, uma infância enquanto pura experiência, como o artista que no momento da criação de sua obra é imerso em oposições de conflito e harmonia, como um jogo, no qual, a vitória é a unicidade que gera a obra, sendo que não podemos discernir entre artista e obra, os dois se fundem numa mesma criação. Nesse sentido, queremos mostrar a infância como invenção/criação, como no jogo da necessidade que constrói e destrói e começa novamente o jogo. Queremos apontar a infância que faz experimentos de si mesma, sendo a cada momento um efetuar-se, um jogar-se um libertar-se. Dessa maneira, buscaremos a partir da filosofia de Heráclito e de Nietzsche compreender o conceito de *devir* e de *tempo* para que melhor possamos entender essa infância que estamos propondo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Infância, Heráclito, Nietzsche

## **Introdução**

Desde a invenção do sentimento de infância a partir do século XVII, temos procurado compreender a infância. Nas mais diversas áreas do conhecimento, sobretudo, na área da Psicologia, Pedagogia, Arte e Literatura procuraram construir saberes que possam nos direcionar no tratamento para com esse ser infantil. Com o resultado dos estudos sobre a infância procuramos caracterizar, enquadrar e determinar como deve ser o tratamento com a infância. Nesse sentido, a criança a partir de seu nascimento é amparada por esses conhecimentos e saberes que vão seguir seus passos no decorrer de sua idade cronológica. Nesta perspectiva direcionamos, e escolhemos as brincadeiras, a vestimenta, os programas de TV de acordo com a idade cronológica e linear da infância. Diante disso, podemos afirmar que a infância é entendida como algo linear que segue uma linha contínua, é classificada racionalmente por uma lógica, em que, a regra estabelecida é a vida cronologizada. No entanto, percebemos que ora ou

outra a criança escapa dessa formatação que há impomos, instituindo suas próprias regras, simplesmente vivendo, jogando, brincando. Podemos perguntar por que isso acontece, será que temos que mudar as estratégias? Construir novos saberes que iram corresponder melhor as suas inquietações? A nosso ver não parece que essas propostas corresponderia a infância, exatamente porque a infância não tem idade, a infância é um experimentar-se, é um *eterno vir-a-ser*, que não pode ser caracterizado cronologicamente e linearmente, por outro lado, é invenção, é sempre um sendo, um constituindo-se. Nesse sentido, esse texto pretende com o pensamento de Heráclito e Nietzsche compreender melhor o conceito de devir e de tempo para que assim possamos refletir sobre a infância. Assim, procuraremos, primeiramente, abordar o conceito de devir na Filosofia de Heráclito, em seguida refletir sobre a concepção da metafísica de artista presente na obra *O nascimento da tragédia* de Nietzsche e, por fim, refletir sobre o conceito de infância como devir-criança.

### **Devir em Heráclito**

Heráclito de Éfeso (cerca de 540-470 A.C.) é considerado o mais eminente pensador pré-socrático, pois com eficácia discorreu sobre o problema da unidade permanente diante da pluralidade e mutabilidade das coisas, além disso, estabeleceu a existência de uma lei universal (*o Lógos*) que rege todas as fatos proporcionando a harmonia universal, harmonia essa que é resultante de tensões entre os opostos. É importante ressaltarmos que os escritos desse filósofo, assim como dos demais pré-socráticos, se perderam na íntegra o que se tem são fragmentos e a interpretação que outros filósofos fizeram e que se tornaram definitiva e oficial dentro da História da Filosofia.

Diferentemente de seus antecessores Heráclito não admitia a dualidade de mundos distintos, como, por exemplo, supunha Anaximandro e diferente de Tales que concebia a água como o princípio originário, ou como em linhas gerais os filósofos da natureza buscavam um Ser na natureza. Heráclito não viu um Ser ao contrário um “vir-a-ser”. Como nos diz Hegel “este espírito arrojado pronunciou pela primeira vez esta palavra profunda: ‘O ser não é mais que o não-ser’, nem é menos; ou ser e nada são o mesmo, a essência é mudança. O verdadeiro é apenas como a unidade dos opostos”. (1973, p. 98). Deste modo, podemos inferir que na filosofia de Heráclito o princípio é o devir, em todas as coisas existentes está presente a sua contradição, os opostos estão

ligados numa unidade. E é exatamente dos opostos que surge o *vir-a-ser*. De acordo com Nietzsche:

Com efeito, o povo acredita reconhecer algo rígido, acabado e sólido; em verdade, em cada instante há luz e escuridão, amargo e doce, um junto ao outro e presos entre si, como dois lutadores dos quais ora um ora outro e presos entre si, como dois lutadores dos quais ora um ora outro adquire a hegemonia. [...] Todo *vir-a-ser* surge da guerra dos opostos: as qualidades determinadas, que se nos aparecem como sendo duradouras, exprimem tão-só a prevalência momentânea de um dos combatentes, mas, com isso, a guerra não chega a seu termo, porém a luta segue pela eternidade. (2008, p.59)

Este pensamento exprime de forma evidente que a vida necessita dos conflitos, da diferença, ou seja, a harmonia da vida está presente, notadamente, nessa contradição. Isto não significa, entretanto, que exista um ser e um ser outro que é sua negação, “o ser é o não ser”, esse outro existe em si mesmo. Ou seja, “o que é, ao mesmo tempo já novamente não é”. (Hegel, 1973, p.99) Diante disso, para Heráclito o absoluto só pode ser determinado como o *devir*.

Nesse sentido, como entender o tempo nesse processo, nesse movimento? Como afirma Hegel (1973, p.101) na perspectiva de Heráclito “o tempo é o primeiro que se oferece como o devir; é a primeira forma do devir. Enquanto intuído, o tempo é o puro devir. O tempo é puro transformar-se, é o puro conceito, o simples, que é harmônico a partir de absolutamente opostos.” Dessa maneira, o tempo é o instante, o agora, o imediato, não é passado e nem futuro, portanto como conclui Hegel o tempo para Heráclito “é intuição, mas inteiramente abstrata”. Assim, também é o espaço, ele pode ser definido intuitivamente, ou seja, destituído de qualquer conteúdo e experiência. Nas palavras de Nietzsche (2008, p. 57) O espaço e o tempo “ainda que destituídos de conteúdos determinados, estes últimos podem ser intuitivamente percebidos, e, a ser assim, contemplados em si mesmos pura e independente de qualquer experiência”.

Desse modo, compreender a natureza e, por sua vez, o mundo é apresentá-la como processo, como movimento e para Heráclito esse processo é o fogo, o fogo é o processo real, físico. Na obra *Os pré-socráticos* encontramos na doxografia nas palavras de Diógenes Laércio um trecho bastante esclarecedor:

[...] o fogo é o elemento e ‘todas as coisas são permutas de fogo’ (fragmento 90), originadas por rarefação e condensação; mas nada explica com clareza. Tudo se origina por oposição e tudo flui como um rio (cf. fragmento 12, 91), e limitado é o todo e um só cosmo há;

nasce ele de fogo e de novo é por fogo consumido, em períodos determinados, por toda a eternidade. E isto se processa segundo o destino. Dos contrários, o que leva a gênese chama-se guerra e discórdia (cf. fragmento 80), e o que leva a conflagração, concórdia e paz, e a mudança é um caminho para cima e para baixo, e segundo ela se origina o cosmo. (Diógenes Laércio, 1973, p. 82)

Não vamos aqui nos deter no caminho descrito por Heráclito para a formação-transformação-destruição na formação do cosmo. Todavia, é importante compreendermos que a grande contribuição desse pensamento é a sagacidade de Heráclito em descobrir que tudo isso é um jogo, ou seja, “o mundo é o jogo de Zeus” (Nietzsche, 2008, p. 63). Um jogo de construir e destruir, em que, o conflito conflui em harmonia. É assim que Heráclito define o mundo existente como um jogo, e esse não podem ser considerados moralmente:

Neste mundo, um vir-a-ser e perecer, um erigir e destruir, sem qualquer imputação moral e nunca inocência eternamente igual, possuem apenas o jogo do artista e da criança. E assim como jogam a criança e o artista, joga também o fogo eternamente vivo, erigindo e destruindo, em inocência – e, esse jogo, o *Aiôn* joga consigo próprio. Transmutando-se em água e terra, ele ergue, como criança, montes de areia à beira do mar, edificando e destruindo; de tempos em tempos, dá início ao jogo de novo. Um momento de saciedade: aí então, é de novo tomado pela necessidade, tal como esta impele o artista ao ato de criar. Não é o ímpeto criminoso, mas o impulso lúdico, sempre a despertar uma vez mais, que exorta outros mundos à vida. Vez ou outra, a criança joga fora o brinquedo: mas, de súbito, recomeça tudo com humor inocente. Assim que constrói, porém, conecta, une e forma com regularidade e de acordo com ordenações internas. (NIETZSCHE, 2008, p. 66)

Logo, todo o universo é regido por leis, e a natureza pode ser definida como um círculo em si mesma, ela é processo e a lei divina e universal é o *logos*. Sendo que o “ser é seu efetuar-se” (Nietzsche, 2008, p. 58) diante da necessidade.

### **A metafísica de artista**

Podemos inferir que Nietzsche foi bastante influenciado pelo pensamento de Heráclito, nas obras do primeiro período da filosofia de Nietzsche essa influência é verificada, sobretudo, no que os comentadores da obra de Nietzsche chamam de *Metafísica de artista*, isto é, uma justificação do mundo como fenômeno estético dentro de uma perspectiva cosmológica. Já no terceiro período a influência se manifesta com o projeto da *filosofia dionisíaca*, em que predomina uma visão agonística de mundo. Nesta perspectiva, “Dionísio passa a ser o “deus bifronte” que simboliza a unidade dos contrários. Dionísio é tanto o deus da forma, da medida e da criação, quanto o deus do delírio, da embriagues e da destruição.” (LUCCHSI, 1996, p. 60). Todavia, neste

trabalho trabalharemos, especificamente, com o primeiro período, em que se apresenta a *metafísica de artista* que é evidente, sobretudo, em sua primeira obra publicada, ou seja, *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*.

É importante dizer que nessa obra – *O nascimento da tragédia* – Nietzsche disserta sobre o nascimento e morte da tragédia grega em que o filósofo evidencia o seu o que foi a tragédia considerando a junção dos deuses gregos, ou seja, Apolo e Dionísio. Apolo enquanto possibilidade do *processo de individualização*, a arte dos sonhos como representação da própria realidade e Dionísio o *Uno primordial* a representação do disforme, do desmedido, da embriaguez. Ao reconhecer que a arte está ligada ao duplo apolíneo e dionisíaco Nietzsche procura caracterizar a tragédia grega frente essas duas expressões. Em seguida procura mostrar a decadência da tragédia grega com o aparecimento dos prólogos de Eurípedes seguindo a figura de Sócrates, ou seja, a tragédia acaba perdendo toda sua beleza artística para um racionalismo exacerbado, no qual, tudo deve se conhecer cientificamente e racionalmente. Após apresentar a decadência da arte trágica o autor anuncia a importância da música para o retorno trágico do mundo. É salutar observar que a arte nesta obra assume o tema central na filosofia de Nietzsche, a arte é via que possibilita, segundo o filósofo, a compreensão do mundo. Logo, “O Nascimento da tragédia é, na realidade, uma metafísica de artista, uma interpretação do todo universal que segue o fio condutor da arte; na arte manifestam-se igualmente as duas forças fundamentais do ser que se combatem entre si”. (FINK, 1988, p.25) E neste ponto observamos a interpretação nietzschiana do pensamento de Heráclito:

Converge para o ponto considerado central na cosmologia heraclitiana, segundo a qual a lei que governa todas as coisas, a justiça eterna, é a guerra (*pólemos*), ou a luta (*éris*), entre os opostos; é esta tensão que efetiva tanto a geração e a mudança, quanto o perecimento de todas as coisas. (LUCCHESI, 1996, p. 55)

Nesse sentido, Nietzsche procura compreender e justificar o mundo e a existência como fenômeno estético, contudo, compreende que os fenômenos (humanos, físicos ou psíquicos) possuem uma dimensão cósmica, isto é, são regidas por leis tensionais entre os opostos. Sendo que a regularidade dessas leis é, exatamente:

A circularidade do movimento, seja no vir-a-ser, seja no tempo, manifesta-se como o jogo da unidade dos opostos presente em todos os fenômenos da *phýsis*: dia-noite, inverno-verão, vida-morte, vigília-sono, quente-úmido, etc. Assim, a regularidade, a medida de todos os

fenômenos da *phýsis* é a própria circularidade do vir-a-ser e perecer. Segundo Nietzsche, esta concepção do mundo como jogo inocente, criação e destruição de todas as coisas presentes no *cosmos*, significa a própria inocência do vir-a-ser identificada com o fazer do artista, ou da criança. (LUCCHESI, 1996, p.59)

Isto significa que a criação/destruição presente na circularidade dos fenômenos não pode ser pensada moralmente, pois se trata de um jogo o jogo da necessidade, do efetuar-se das coisas, do fluir eterno, o jogo do vir-a-ser do mundo nada mais é do que “o jogo da grande criança do mundo, [des grossen Weltenkindes] Zeus”. (NIETZSCHE, 2008, p.72). Com efeito, somente o homem que vislumbra o mundo esteticamente pode compreender esse processo, de criar e destruir, de forma inocente:

Apenas o homem estético contempla o mundo dessa maneira, aquele que descobriu com o artista e com o surgimento da obra de arte como o conflito da multiplicidade ainda pode trazer, em si, lei e direito, como o artista, contemplativamente, põe-se a operar sobre a obra de arte, enfim, como necessidade e jogo, conflito e harmonia, devem irmanar-se com vistas à produção da obra de arte (NIETZSCHE, 2008, p. 67).

O artista ao construir sua obra de arte a contempla e a modifica conforme achar necessário, não como uma exigência moral, mas como pura harmonia estética, como algo que lhe dá prazer e que lhe satisfaz. Assim como a criança brincando monta e desmonta sua construção de brinquedos, os seus jogos, sua invenção e fantasia conforme lhe convir naquele instante. “Isto significa que a criança ou o artista é concebido como aquele que participa da visão aberta pelo *lógos* cósmico, como aquele que cria e dá medida às coisas”. (LUCCHESI, 1996, p.59) Na obra *O Nascimento da tragédia* Nietzsche ao falar sobre a união do poeta lírico com a música nos mostra como o processo de construção da obra de arte se manifesta no artista:

Poderemos então, com base em nossa metafísica estética anteriormente exposta, explicar da seguinte maneira o caso do poeta lírico. Ele se fez primeiro, enquanto artista dionisíaco, totalmente um só com o Uno-primordial, com sua dor e contradição, e produz a réplica desse Uno-primordial em forma de música, ainda que esta seja, de outro modo, denominada com justiça de repetição do mundo e de segunda moldagem deste: agora porém esta música se lhe torna visível, como uma imagem similiforme do sonho, sob a influência apolínea do sonho. Aquele reflexo afigural e aconceitual da dor primordial na música, com sua redenção na aparência, gera agora um segundo espelhamento, como símile ou exemplo isolado. O artista já renunciou à sua subjetividade no processo dionisíaco: a imagem, que lhe mostra a sua unidade com o coração do mundo, é uma cena de sonho, que torna sensível aquela contradição e aquela dor primordiais, juntamente com o prazer primigênio da aparência. O “eu” do lírico soa

portanto a partir do abismo do ser: sua subjetividade, no sentido dos estetas modernos , é uma ilusão (NIETZSCHE, 1992, p.44).

Desse modo, temos então, um primeiro instante em que o poeta lírico vive um momento existencial com o Uno-primordial, ou seja, um momento original, primevo. Em seguida há um segundo momento, em que, se produz a réplica do Uno-primordial em forma de música, mediante o espelhamento do momento vivido anteriormente. Depois se tem um segundo espelhamento que torna sensível ou torna passível de ser experimentado o que antes era pura imagem e sonho. Assim, o “eu” real do poeta lírico advém do abismo de sua própria subjetividade. Nesse sentido, temos que, o artista na construção de sua obra de arte, nesses momentos de êxtase, de dor, sonhos e contradições se confunde com sua própria obra de arte: “O homem não é mais artista, tornou-se obra de arte: a força artística de toda a natureza, para a deliciosa satisfação do Uno-primordial, revela-se aqui sob o frêmito da embriaguez”. (NIETZSCHE, 1992, p.31). Com efeito, o momento da criação não pode ser medido a partir de um tempo cronológico e linear. O tempo nesse jogo cósmico deve ser entendido como o instante, como efetuar-se, com o transformar-se, em que, não existe algo idêntico a si mesmo, por outro lado tudo é um eterno vi-a-ser.

### **A infância como devir-criança**

“Uma infância é um processo e um devir-impessoal, puro sentido-acontecimento, pura imanência. Se assim for, uma infância artisticamente dionisiaca, podemos defini-la como uma vida? Então, diremos: - A infância: uma vida...” (Larrosa, 1999, p. 92)

A infância, enquanto um objeto de estudo, tem ganhado cada vez mais relevância dentro do cenário moderno que vivemos. Várias pesquisas e estudos têm procurado evidenciar as singularidades e especificidades que temos que ter no trato com os infantis. Não queremos aqui desmerecer as pesquisas, as produções acadêmicas que nos últimos anos tem ganhado espaço, pois acreditamos que muito se tem avançado, sobretudo, como um campo que tem procurado elevar a infância, dando legitimidade perante os órgãos públicos, bem como, procurando desenvolver saberes e práticas pedagógicas que vá de encontro com as necessidades físicas, emocionais e sociais da infância. Contudo, queremos chamar atenção, para o fato de que em muitos momentos de nossas pesquisas, de nossos saberes, em que, procuramos, enquadrar, formatar,

estabelecer um tipo específico de infância, criamos regras, estabelecemos as vestimentas, escolhemos os brinquedos, criamos um horário cronológico, no qual, acreditamos ser o melhor para a criança. Neste mundo ordenado, linear e cronológico que criamos, do qual, acreditamos compreender a infância, vez ou outra nos deparamos com a infância que nos escapa, que não se deixa conhecer, exatamente porque a criança é puro devir, é pura criação/invenção, é instante, é vir-a-ser. Nas palavras de Corazza e Tadeu:

A infância é algo que nossos saberes, nossas práticas e nossas instituições já capturaram: algo que podemos explicar e nomear, algo sobre o qual podemos intervir, algo que podemos acolher, A infância, desse ponto de vista, não é outra coisa senão o objeto de estudo de um conjunto de saberes mais ou menos científicos, a coisa apreendida por um conjunto de ações mais ou menos tecnicamente controladas e eficazes, ou a usuária de um conjunto de instituições mais ou menos adaptadas às suas necessidades, às suas características ou às suas demandas. [...] Não obstante, e ao mesmo tempo, a infância é um outro: aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento. (2003, p.184)

Nesse sentido, queremos aqui, refletir sobre essa infância que nos escapa, essa infância que inventa a si mesma, uma infância enquanto processo, um estar sendo, um efetuar-se. Nesta perspectiva, a infância deve ser entendida como uma infância sem idade, uma infância que flui apesar das ordens estabelecidas. A infância que queremos refletir aqui se assemelha muito com a definição de Heráclito da *Lei Cósmica*, em que, a criação/destruição não pode estar vinculada a moral, mas sim que é um *jogo* inocente como pura necessidade. A criança quando envolvida na brincadeira, seja, no jogo, na imitação de personagens, ou até mesmo com um simples brinquedo em mãos. Experimenta a criação, invenção e destruição conforme lhe convém inocentemente, “vez ou outra, a criança joga fora o brinquedo mas, de súbito, recomeça tudo com humor inocente.” (NIETZSCHE, 2008, p. 67) Assim como também a infância que queremos aqui refletir pode ser conferida na atividade criativa do artista:

Preferindo o uma-criança, elas se dizem apenas como sensíveis, o que as faz concluir que só podem ser artistas, pelo simples motivo de que a arte diz as mesmas coisas que elas, quais sejam: que ambas não mais ordenam um lugar da infância, mas apenas caminhos que fornecem tanto às crianças quanto à arte um Fora; que ambas repousam sobre um devir-criança, isto é, sobre o necessário esquecimento da própria infância; que ambas percorrem lugares de passagem e linhas erráticas do material flexível de infância, desenroscam anéis de superfície pura

sem interior nem exterior, conectam e desconectam zonas infantis, jogam pedras numa velocidade infinita aos organismos infantis, realizam viagens histórico-mundiais sem sair do Continente da Infância, abrem e fecham portas, telhados e planos, enlouquecem totalmente o pensamento do bom senso e do senso comum da educação infantil, fazendo voar os morcegos que bicam suas janelas (LARROSA, 1999, p. 91).

Vimos anteriormente quando falamos da metafísica de artista desenvolvida por Nietzsche em sua *O Nascimento da Tragédia* que o momento da criação não pode ser medido em um tempo cronológico, o momento da criação é o instante sem um passado e sem um futuro é exatamente o instante, o efetuar-se. A criança e o artista no momento de sua criação não determinam um lugar que pode ser definido como um lugar específico da infância, não há uma regra de criação infantil, o direcionamento é o seu próprio sentir, seu prazer, suma emoção de instante, que não é fixa, por isso, a infância é sempre um vir-a-ser. Na obra *Devir-criança da filosofia* organizada por Walter Kohan encontramos uma homenagem há Walter Benjamin, intitulado: *A arte de caçar borboletas*, feita pela autora Cláudia Maria de Castro que vamos transferir um trecho bastante elucidativo dessa infância impessoal que queremos refletir:

[...] A impotência era o sentimento diante da conspiração do vento e dos perfumes, das folhagens e do sol que desconfiava comandar o vôo das borboletas. Zombando da criança, o inseto oscilava, flutuante. Ao esvoaçar diante de uma flor e pairar sobre ela, o menino, com a rede levantada, esperava apenas que “o encanto, que parecia se operar da flor para aquele par de asas cumprisse a sua tarefa”. Mas, em seu “corpo frágil”, a borboleta escapava com “suaves impulsos” e logo iria “sombrear imóvel” outra flor, abandonado-a rapidamente sem nem tê-la tocado. A criança ansiava dissolver-se “em luz e em ar” para aproximar-se de sua presa sem ser notada. *Um desejo tão real que cada agitar e oscilar de asas lufava sobre ela, irrigando-a e deixando-a apaixonada.* [...]. (Castro, 2010, p. 223, destaques em itálico nosso)

A criança ao caçar a borboleta, correndo de um lado para outro, observando a fuga da borboleta de flor em flor acaba por se identificar e vivenciar a experiência de ser borboleta, nesse instante de êxtase, de pura imaginação a criança não é só criança, ela é, apaixonadamente, uma criança/borboleta, é um instante de pura imanência de puro efetuar-se. É como o artista que no momento de criação de sua obra, na mistura entre imaginação/dor; conflito/harmonia, no final de sua criação se confunde com sua própria obra onde não podemos diferenciar obra de artista, a obra para o artista é o próprio espelhamento de todos os sentimentos/prazeres/emoções/dor/aflição que havia experimentado enquanto o momento único e existencial. Nesse sentido, a infância como

devir-criança não pode ser mensurado, medido, determinado, por outro lado, é transformação, mudança, é jogo cósmico, na tensão entre os opostos: criar e destruir, sendo que:

A fórmula cósmica do devir-criança consiste em passar e deslizar através dos reinos, até se tornar uma partícula impossível de ser encontrada, até se tornar assignificante e assubjetiva, não se fazer notar como um parasita, confundir-se com as plantas e as pedras, ser tão desconhecida quanto um cascudo, eliminar o percebido-demais da infância, ser tão indiscernível como um bando de gaivotas no fim do mar, fazendo do bando um devir: todas as ações de uma destruição do infantil molar para produzir diretamente um mundo infantil comunicante sem imitações nem estruturas, cósmico simplesmente (LARROSA, 1999, p. 103).

O devir-criança pode ser entendido como o instante mágico da fantasia, da imaginação, enfim da criação, que por sua vez, não permanece na ação ou até mesmo no ato criado, mas no jogo inocente do devir, já não é mas “Ser”, mas sim um “vir-a-ser”. Um vir-a-ser que não pode ser calculado, estudado, direcionado, pois está em constante fluxo.

### **Considerações finais**

Nesse texto procuramos refletir sobre o conceito de infância enquanto devir-criança. Uma infância que escapa de todos os saberes/conhecimentos que engendramos para a infância. Ou seja, apesar de todo o enquadramento, formatação e direcionamento que produzimos para a infância, há uma que nos inquieta, que não conseguimos medir, explicar e direcionar. Apontamos aqui alguns pontos do pensamento de Heráclito que nos faz refletir e repensar o conceito que temos de infância e desvelamos que para Heráclito o jogo cósmico da vida é como um jogo de criança e do artista, exatamente, por se tratar de um jogo e de um fazer sem prescrições, amoral e livre, simples jogo da necessidade e prazer. Evidenciamos que a infância se assemelha ao momento de criação do artista que no momento de êxtase, já não se pode separar artista e obra de arte. Por último procuramos compreender o conceito de infância como devir-criança, em que, encontramos uma infância sem idade, impessoal, uma infância que é puro efetivar-se, é pura criação/destruição imersa numa temporalidade não cronológica, mas processual, de mudança e transformação. A infância que buscamos aqui refletir, não se deixa conhecer, é sempre um Fora, que nos escapa, que está sempre embalada em seus reinos, nas suas identificações, na sua própria invenção de si mesma na circularidade do tempo infinitamente eterna no seu jogo de criar e destruir. Assim, para que possamos

compreender a infância é necessário considerarmos o próprio ser criança que é um ser único, social, e histórico. Que inventa, cria, que experimenta, a vida sem qualquer juízo moral. Essa infância por mais que queiramos entendê-la para introduzir uma formação moral e doutrinária ela nos escapa, ela sempre se inventa. A infância só se deixa desvelar no prazer na pura imanência do ser criança.

### **Referencias Bibliográficas**

CASTRO, Cláudia Maria de. A arte de caçar borboletas, In: Kohan, Walter Omar (org), *Devir-criança da filosofia: infância da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 223-232.

CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz, *Composições*, Belo Horizonte: Autêntica, 2003

LARROSA, Jorge. Infancionática: dois exercícios de ficção e algumas práticas de artificios. In: *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 89-129.

LUCCHESI, Bárbara. *Filosofia dionisíaca: vir-a-ser em Nietzsche e Heráclito*. In: *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, USP, n.1, 1996, p.53-68

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*; tradução, notas e posfácio: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. *A filosofia na era trágica dos gregos*. Trad. Fernando R. de Moraes, São Paulo: Hedra, 2008.

SOUZA, José Cavalcante de. *Os pré-socráticos*. São Paulo: Abril cultural, 1973 (coleção os pensadores)